

RUAS COM LONGOS TRECHOS DE QUINTAIS FECHADOS POR MUROS DE TAIPA

Vieira Bueno (1830-1840)

*convento de São Francisco
Auto S. João*

Paulista ... Em 1830 São Paulo era pois quase uma "formosa sem dote", como a chamou Freire de Andrade, devendo sua formosura somente à notável beleza de sua situação e de seu horizonte visual. Circundada de campos estêreis, inçados de saúva, apenas matizados de capões e restingas, a lavoura circunvizinha, limitada à cultura da mandioca e de poucos cereais, não lhe oferecia elementos de riqueza, dando-se o mesmo quanto à indústria pastoril.

O corpo mais compacto da cidade ocupava longitudinalmente o planalto da colina cuja escarpa descamba a leste para o Tamanduateí, e ao poente para o Anhangabaú, acabando para o sul no largo da chácara dos Ingleses, no cemitério e no campo da Forca e para o norte no convento de São Bento.

Fora dessa área somente esgalhos muito irregulares, formando arrabaldes desigualmente povoados ao poente e ao norte. Mas mesmo dentro dessa área as edificações não cobriam todo o terreno, havendo muitas ruas com longos trechos de quintais, fechados por muros de taipa.

As casas em grande parte eram térreas, só havendo maior número de sobrados em algumas ruas mais centrais. Feitos de taipa, os prédios eram destituídos de elegância, sem arquitetura e mesmo feios, por causa dos beirais projetados sobre a rua; o único que sobressaía dessa vulgaridade é o que hoje é ocupado pelo Hotel de França.

Os únicos edifícios públicos eram o palácio do governo, em cujas dependências funcionavam todas as repartições públicas, inclusive a Assembléia Provincial; e o Paço da Câmara Municipal, em cujo pavimento térreo era a Cadeia. O primeiro era a antiga casa dos jesuítas, contigua à sua igreja do Colégio, aparrada e com pequenas janelas de peitoril. O que dele resta hoje é somente a ala esquerda que, completamente restaurada, continua servindo como palácio do governo. O segundo é o mesmo que ainda se vê no Largo Municipal, restaurado e livre da Cadeia (). Este, de muito mais moderna construção, tendo ao menos um pé direito regular e janelas espaçosas, não era de tão mesquinha aparência.

Os Quartéis, como os chamavam, eram esse mesmo quadrilátero de baixas casernas, com um pequeno sobrado do lado da frente, que existe ainda na rua que dele deriva seu nome. () Também servia de quartel a casa em que

existe o Seminário das Educandas, no Acu, tendo sido convenientemente adaptado para a nova destinação.

O edifício em que foi instalada a Faculdade de Direito, e no qual até agora ela funciona, é um antigo convento. Entre os três, do Carmo, de São Bento e de São Francisco, o último, de mais humilde aparência, porém mais vasto, foi o preferido.

Conquanto inferior aos outros dois conventos da cidade na arquitetura exterior, o franciscano era como edificação uma antiga reliquia notável por sua vastidão. ... Antigamente a frente do convento ficava dentro de um quintal, que tomava todo o largo atual de São Francisco, só deixando livre um pátio na frente da igreja e as duas ruas laterais que o isolavam. Encravado nesse quintal, com a frente para o dito pátio, havia pegado ao vestibulo da igreja um casebre, em que anualmente pelo Natal os frades expunham presépio muito visitado. Não sei precisamente quando o largo de São Francisco veio a ficar descortinado pela demolição dessas tranqueiras. Conjeturo que foi por ocasião da adaptação do convento para a instalação da Faculdade, pois que, quando a aula de latim, que eu frequentava, foi removida do Palácio para a Faculdade, por ter ficado pertencendo ao curso anexo, já o largo estava desafogado.

A cidade tinha poucas ruas empedradas e o calçamento dessas era péssimo, por ser feito com pedras não aparelhadas; e além disso, de má qualidade para semelhante aplicação por serem pouco resistentes e muito irregulares na forma. A razão disso era não haver outra qualidade de pedra nas vizinhanças e, por falta de estradas e de meios de transporte, ser impossível mandá-las vir de outras partes, como se faz agora. Além disso, a pobreza da municipalidade não comportava larguezas nem nesse, nem nos outros serviços de sua competência. Como não há mal que não traga algum bem, o pisar faceiro das paulistas era atribuído ao hábito adquirido pela necessidade de pisar com cuidado em calçadas escabrosas.

Para a limpeza das ruas e praças não havia serviço algum organizado e por isso, onde quer que houvesse pouco trânsito, a grama e a erva medravam à vontade. Nos lugares mais escuros, onde se formavam esterquilínios, crescia o ervaçal formado principalmente por uma espécie de cicuta muito parecida com a salsa de horta. Quanto a esterquilínios, lembro-me de dois existentes bem dentro do

*→ Situação visual só +
depreciação infra, serviços sendo honravel
desajustados, furos, o / serviços publicos
higienos*

*PARCIAL, comparais e de de
adjuvicos mejetivos*

Wihos

povoado, nos quais se punha todo o lixo que não ficava nos quintais e até se despejavam os **tigres** da cadeia e dos quartéis. Um era em uma grande depressão, rente com o principio da ladeira do Carmo. Outro no fim da rua de São José, rente com a ponte do Acu. Por sinal que as moças de uma família que habitava a casa da próxima esquina, por causa dessa vizinhança, eram conhecidas por moças do cisqueiro. O pouco de serviço de limpeza que se fazia era executado pelos presos condenados às galés, geralmente pretos que andavam pelas ruas tilintando suas correntes, acompanhados por soldados.

O primeiro ensaio de iluminação que houve em São Paulo, durante aliás dezenas de anos, era deficientíssimo. Uma enorme geringonça de ferro, pregada na parede de uma esquina, estendia por cima da rua um longo braço, em cuja extremidade estava dependurado um lampião. Colocados de longe em longe nas ruas principais, a luz desses lampiões, alimentada com azeite de peixe, difundia uma claridade mortiça, que só alumia um pequeno espaço, projetando longas sombras movediças quando o vento balançava os lampiões. As noites eram, pois, trevas, quando não havia lua, acontecendo algumas vezes pisar-se em sapos que, ocultos durante o dia nos quintais, de noite vinham para a rua tratar da vida, saindo pelos canos de esgotos das águas pluviais. Miríades desses batráquios povoavam o Anhangabaú e do outro lado o Tamanduatei e os charcos de suas várzeas, e quem nas noites de calor estacionasse nas pontes do Lorena, do Acu e do Carmo ouvia sua tristonha e variada orquestra, não sem encanto para quem é propenso à melancolia. Era, pois, natural que eles invadissem a povoação.

O mesmo se dava também com as cobras, pela contiguidade de alguns matagais. Estava coberto de capoeira todo o terreno compreendido entre o Tamanduatei e a rua da Tabatinguera, pertencente à chácara de Assis Lorena, filho do governador Bernardo José de Lorena, cujo título nobiliárquico, Conde de Sarzedas, é hoje o nome de uma rua, quarteirão modernamente edificado na área do terreno da mencionada chácara. Da ponte do Carmo para baixo, toda a margem esquerda do Tamanduatei era também um matagal. Ao poente, toda a área do terreno mais tarde chamado Morro do Chá, a que hoje dá acesso o Viaduto, pertencente ao cadete Santos, depois Barão de Itapetininga, era coberta de capoeira, onde eu ia passarinhar, saltando o valo que o dividia da antiga rua da Palha.

O abastecimento de água era deficientíssimo, tanto na quantidade como na qualidade. No centro da parte principal da cidade havia somente o chafariz do largo da Misericórdia, com quatro bicas que nem sempre corriam abundantemente. Dia e noite estava ele, pois, rodeado de gente, na maior parte escravos, cuja vozeria se ouvia já de longe, quando por ali se passava. De noite a concorrência se tornava maior, porque era aumentada pela pobreza recolhida.

Quando em tempo de seca o fornecimento escasseava, havia tamina e muitas vezes luta, em que se quebrava muito pote de barro, que era então a vasilha mais geralmente usada para condução de água. Santo Deus! hoje que não posso beber água que não tenha passado por um filtro Chamberlain Pasteur, arrepiam-se-me os cabelos quando me lembro da impureza da água do chafariz da Misericórdia, que era a que se gastava em nossa casa. Vinha do tanque chamado Reuno, que era uma represa de um pequeno córrego afluente do Anhangabaú; e em seu trajeto, até chegar na cidade, passava por um rego descoberto, parte do qual atravessava um arrabalde escuso, chamado rua do Rego, cujo ar era empestado e cujo chão eram juncado de caveiras de boi, de sabugos, de chifres, de ossos e de outros resíduos imundos, porque os moradores eram quitandeiros de miudezas do matadouro.

Havia também fornecimento de água não me lembro se com uma só ou se com mais bicas, perto da ponte do Lorena, no ângulo inferior do paredão do Piques. Derivava-se a água deste chafariz de uma levada tirada do tanque do Bexiga que, passando pela bacia em cujo centro se ergue a pirâmide existente dentro do triângulo formado pelo supramencionado paredão, ia através do Morro do Chá e do bairro de Santa Ifigênia, alimentar o lago central do então chamado Jardim Botânico. Alcancei aquela pirâmide dentro da água que enchia a bacia, a qual só foi dali retirada depois que em uma noite roubaram uma grade de ferro que rodeava a construção.

Havia ainda a um lado do pequeno largo do Acu, hoje ajardinado, dentro de uma cavidade a que se descia por alguns degraus, um pequeno chafariz que jorrava água por um cano embutido na boca de uma carranca de pedra. Essa água era derivada de uma lagoa natural existente no centro do vizinho largo do Zuniga, hoje do Paisandu. Nessa lagoa, alimentada por uma nascente e rodeada de ervaçal, se lavava roupa.

matagal na cidade

Quem conhece as distâncias que separam as situações dos três chafarizes mencionados, conhece também quanto era insuficiente o abastecimento de água. Parte da população era, pois, obrigada a recorrer ao Tamanduateí e, nas três ladeiras do Porto Geral, do Carmo e do Fonseca, que a ele conduziam, estavam sempre a transitar as escravas, com seus potes na cabeça, que elas punham sobre a rodilha e equilibravam com agilidade.

Para a venda de gêneros alimentícios, hortaliças, frutas, etc., não havia mercado. Tudo era vendido pelas ruas, pelas pretas de tabuleiro ou pelos caipiras (matutos) que vinham com seus cargueiros dos sítios circunvizinhos. O mesmo se dava com as tropilhas carregadas com mantimentos, vindas de mais longe, como de Cotia, de Juqueri, de Nazaré, etc., quando os atravessadores não as cercavam fora da cidade. Somente as carregações de tocinho e de carne de porco salgada é que iam para as Casinhas, carreira de casebres que ocupava um dos lados da travessa fronteira ao Mercadinho, a qual se chamava por isso rua das Casinhas.

De noite, os caipiras que ali estacionavam batucavam a toque de viola, cantando as suas modinhas, admiráveis como demonstração da espontânea fluência, com que o octossílabo e a trova saem da boca do povo.

Exemplo:

Ai! nhanhã, mecê não sabe
como está meu coração,
está como noite escura
na maior escuridão.

A quitanda também era uma espécie de mercado sedentário de muita originalidade, formado por uma aglomeração de pretas sentadas a um lado da rua, cada qual com seu tabuleiro, vendendo variedade de doces e biscoitos, amendoim torrado, pinhão cozido e outras gulodices apreciadas pela arraia miúda, que naquele tempo, com uma moeda de cinco réis, podia comer de qualquer delas. Na estação em que as formigas saúvas fazem sair seus enxames, não faltava o içá torrado.

De noite a quitanda era iluminada com rolos de cera preta pregadas nas guardas dos tabuleiros e os pregões de pinhão quente, amendoim torrado, cará cozido e muitos outros produziam alarido. Às vezes, na escuridão da noite, encontrava-se um vulto levando fogo em cima da cabeça:

pelo pregão de pinhão quente, via-se que era a preta quitandeira, que conduzia a sua panela de pinhão cozido sobre um fogareiro posto dentro de uma garrêta.

A carne verde era vendida em um único açougue, que trabalhava só até meio dia, sob a fiscalização do juiz almotacel, inspetor de pesos e medidas, que trazia como insignia de sua autoridade uma rodela de virne do lado direito, na altura da cintura.

O curral do Conselho (matadouro) era à beira da estrada de Santo Amaro, hoje rua, As reses, atadas a um mourão, debaixo de um telheiro aberto e derrubadas sobre um chão de terra revolvida, aí eram sangradas.

Não havia hospedarias, porque os viajantes vindos do interior eram poucos, em razão de as viagens a cavalo, por maus caminhos, serem difíceis, e por serem ainda mais poucos os que vinham do exterior, pela mesma razão e pela falta de motivo que os atraíssem. Para esses hóspedes, pouco numerosos, era suficiente a hospitalidade particular. Não havia também restaurantes, pelas mesmas razões por que não havia hospedarias; e porque todos tinham o seu "sweet home", seu lar, sua casa, onde não se passava mal. As prestimosas donas-de-casa, livres ainda das preocupações das reuniões, das soirées, dos bailes e das modas, dividiam o seu tempo entre as rendas, os crivos, os bordados, com os saborosos guisados e os belos doces que faziam por suas mãos ou mandavam fazer. Igualmente não havia cafés, porque o precioso grão ainda era vasqueiro e, por conseguinte, caro. Toda a gente estava afeita ao uso do chá, que era baratíssimo porque era importado diretamente da Ásia pelo comércio português. Qualquer taverna tinha o seu caixote de chá da Índia, como então se dizia, tão bom como hoje não se encontra; e com quarenta réis ali se comprava um cartucho de chá, que dava para um bule. E também já se fazia um chá bem regular na chácara do Arouche, cujos terrenos começavam no campo dos Curros (hoje Praça da República) abrangendo toda a área ocupada pelo arrabalde da Vila Buarque e pelas edificações da Santa Casa de Misericórdia.

Só para os viandantes chamados tropeiros havia albergarias de uma espécie "sui generis". Eram situadas nas entradas da povoação e consistiam em fileiras de quartos contíguos e de uma só porta, tendo na frente um pátio ou terreiro em que eram arriadas as cargas, com a estacaria precisa para a

amarração dos burros da tropa que, depois de comida sua ração de milho no bernal, eram soltos no pasto anexo ao pouso. Os donos cobravam aluguel dos quartos e do pasto e vendiam alguma coisa na indefectível taverna, pouco mais do que a indispensável cachaça.

Dessas pousadas, as mais frequentadas, por serem as procuradas pelas tropas que passavam para Santos, eram as duas, do Bexiga e do Lavapés. A do Bexiga era situada no arrabalde do mesmo nome, no lugar em que começa a rua de Santo Antônio, pertencendo ao proprietário de um antiquíssimo sobrado baixo, que até pouco tempo ainda ali se via. O seu pasto anexo era o vasto, escaldado e acidentado campo do Bexiga, onde já existem hoje muitas ruas, a começar pela de Santo Antônio supramencionada.

A do Lavapés era situada no arrabalde do Cambuci, perto do começo da rua Tamanduatei e o pasto era toda a morraria que fica para trás. Pertencia à família Cardim, gente de cor bronzeada a que pertencia o capitão Cardim, vulgo Papo-Roxo, sujeito considerado, que trabalhava no foro.

Para recreio da população havia somente o passeio do campo da Luz, denominado Jardim Botânico, mas que nada tinha que justificasse semelhante denominação, pois era arborizado com plantas corriqueiras de nossas matas. De ornamentação havia somente o lago central, com as duas estátuas de Vênus e Adônis, que ainda lá existem.

Havia um teatro de humilíssima aparência, que o vulgo chamava casa da ópera, situado ao lado sul do largo do Palácio, no lugar em que está um dos belos edifícios públicos modernamente ali construídos.

Na falta de outras diversões, as festividades religiosas eram a "great attraction", sendo que boa parte dos concorrentes não as assistiam por devoção, mas por passatempo, mesmo porque nelas ordinariamente havia cenas impróprias da gravidade que deve revesti-las. Na procissão de Corpus Christi rompia a marcha a cavalgada de São Jorge, na seguinte ordem: um cavaleiro chamado casaca de ferro, envergando uma armadura de papelão pintado, que hasteava bandeirola vermelha com cruz branca no centro; dois cavaleiros negros, vestindo calções amarelos, coletes vermelhos e capas agaloadas da mesma cor, tendo na cabeça chapéus com plumas. Um deles tirava de um clarim

sons descompassados e o outro tangia dois timbales. Seguiam-se os chamados cavalos de Estado, mandados pelos magnatas da terra, que nada tinham de notáveis, nem pela estampa dos animais, alguns dos quais eram verdadeiros sendeiros, nem pela riqueza dos jaezes, suprida por uma profusão de fitas baratas de variegadas cores. Por fim vinha o São Jorge, montado em um cavalo branco, trazendo de cada lado um pajem, que o segurava sobre a sela: era a figura de um guerreiro, de cara redonda e rubicunda, com bigodes retorcidos e olhos arregalados, vestindo arnês de ferro (pintado sobre a madeira), capa de veludo carmesim agaloadada, chapéu com pluma branca e trazendo uma lança em riste.

Essa cavalgata dava à procissão a fisionomia de uma exibição carnavalesca, mas era justamente isso que fazia as delicias do rapazio da cidade e da gente da roça, que aflua em grande número, até de bem longe.

Chamavam a Forca de - Os Três Paus - porque ela formava, com três vigas, um triângulo suspenso em considerável altura em outras vigas, cada uma das quais servia de suporte a um dos ângulos. Sobre um dos lados do triângulo, fronteiro à povoação, se apoiava uma escada formada por duas vigas, em que se embutiam pranchões, formando degraus. O largo da forca era no extremo sul da cidade, exatamente no sítio em que está agora o largo da Liberdade.

(Francisco de Assis Vieira Bueno, "A Cidade de São Paulo. Recordações evocadas de memória", págs. 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 38 e 39).